

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins, 1996. 1014 p.

BRÉHIER, Émile. **História da filosofia**. Tradução Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 803 p.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997. 440 p.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v.15. 296 p. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Hemus, 1978. 136 p.

\_\_\_\_\_. **Discurso do método**. Tradução Elza Moreira Marcelina. São Paulo: Ática, 1989. 154 p.

\_\_\_\_\_. **Meditações metafísicas**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 155 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

JESUS, Luciano Marques de. **A questão de Deus na filosofia de Descartes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. 112 p.

MONDIN, Batista. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. Tradução J. Renard. São Paulo: Paulus, 1980. 272 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 330 p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000. 279 p.



## CONCLUSÃO

A realização desta monografia proporcionou-me a aquisição de um amplo conhecimento a cerca de Descartes, um filósofo que viveu no início da revolução científica. Seu importante trabalho, sobre a Filosofia e as contribuições para as ciências deixadas por ele foram aperfeiçoando-se no decorrer da história por vários outros cientistas, filósofos e matemáticos, com suas invenções e descobertas.

A grande preocupação na virada do século XVI para o século XVII era encontrar um caminho novo. As múltiplas opiniões eram caminhos vários e inseguros que não levavam a qualquer meta definitiva e estável. Precisava-se achar o método para a ciência. Francis Bacon e Galileu haviam deixado bem claro o novo caminho do método experimental, indutivo, que formularia suas leis, partindo da consideração dos casos particulares. Alguns, como eles próprios, enfrentam a hegemonia do pensamento lógico dedutivo dos aristotélicos até então predominante e apoiado pelas forças do Estado e da Igreja. Como Bacon, Descartes também está convencido de que é possível vencer esses efeitos, graças a uma reforma do entendimento, formam, então, a corrente racionalista moderna da qual Descartes faz parte.

Descartes teve tanta importância para a filosofia que todas as correntes de pensamento levaram suas idéias em consideração - ou concordaram ou discordaram, mas jamais ignoraram. Descartes também problematizou muitas situações, sendo esta uma função primordial da filosofia.

*Visto que o entendimento situa o homem acima dos outros seres sensíveis e dá-lhe toda vantagem e todo domínio que tem sobre eles, seu estudo consiste certamente num tópico que, sua nobreza, é merecedor de nosso trabalho de investigá-lo. O entendimento, como olho, que nos faz ver e perceber todas as coisas, não se observa a si mesmo; requer arte e esforço situá-lo à distância e fazê-lo seu próprio objeto (LUCKE apud CHAUI, 1997, p.116).*

Sendo assim, Chauí (1997), afirma ainda que Platão e Descartes afastam a experiência sensível ou o conhecimento sensível do conhecimento verdadeiro que é puramente intelectual, enquanto que Aristóteles e Locke, embora Aristóteles não seja considerado empirista. Consideram que o conhecimento realiza-se por graus contínuos, partindo da sensação até chegar às idéias. Essas idéias porém não impedem que haja um elemento comum a todos os filósofos a partir da modernidade, qual seja, tomar o entendimento humano como objeto da investigação.

Embasado nisto, o método de Descartes para o raciocínio correto é principalmente nunca aceitar qualquer coisa como verdade se essa coisa não pode ser vista clara e distintamente como tal. Descartes assim implica a rejeição de todas as idéias e opiniões aceitas, a determinação a duvidar até ser convencido do contrário por fatos auto evidentes. Outro preceito é conduzir os pensamentos em ordem, começando com os objetos que são os mais simples e fáceis de saber e assim procedendo, gradualmente, ao conhecimento dos mais complexos.

matemáticas. Só no homem as duas substâncias juntaram-se em uma união substancial, unidas, porém delimitadas.

Ele também rejeita a visão escolástica de que existe uma distinção entre vários tipos de conhecimento baseados na diversidade dos objetos conhecíveis, cada um com seu conceito fixo. Para ele o "poder de conhecer" é sempre o mesmo, qualquer que seja o objeto ao qual seja aplicado. Bem aplicado pode chegar à verdade e à certeza, mal aplicado vai cair no erro ou dúvida. A mente, em muitas de suas atividades, é dependente do corpo: a paixão, ou seja, aquilo que é sentido, é uma ação sobre o corpo.

*Para Descartes, o conhecimento sensível (isto é, sensação, percepção, imaginação, memória e linguagem) é a causa do erro e deve ser afastado. O conhecimento verdadeiro é puramente intelectual, parte das idéias inatas e controla (por meio de regras) as investigações filosóficas, científicas e técnicas (CHAUI, 1997, p.116).*

Embasado nestes conhecimentos, Descartes reconhece o corpo humano como a mais perfeita das máquinas; trabalha por impulsos naturais, - o que é hoje chamado reflexos condicionados -, mas os efeitos destes instintos automáticos e desejos podem ser controlados ou modificados pela mente, pelo poder da vontade racional. A higiene do corpo é importante, mas há igualmente a necessidade de uma higiene mental, a qual é baseada no conhecimento verdadeiro dos fatores psicológicos que condicionam o comportamento. A mente necessita do treinamento do "bom senso" e a aquisição de sabedoria, o que por sua vez depende do conhecimento das verdades da metafísica a qual, a metafísica, por seu turno, inclui o conhecimento de Deus. Descartes assim conclui que a atividade moral está baseada no conhecimento verdadeiro dos valores, ou seja, em idéias claras e distintas garantidas por Deus, do valor relativo das coisas.

É nesta ótica que segundo Chauí (1997), Locke pressupõe a analisar cada uma das formas de conhecimento que possuímos, a origem de nossas idéias e nossos discursos, a finalidade das teorias e as capacidades do sujeito cognoscente relacionadas com os objetos que ele pode conhecer. Diferente de Descartes,

*A existência é afirmada somente em função do pensamento, enquanto este durar. Porém, no cogito não há uma afirmação do primado do entendimento em geral. Descartes não escreveu cogitatur (pensar) ou est cogitatio (pensamento). A expressão que retoma constantemente é sum res cogitans (sou uma coisa que pensa). Res significa não coisa material, mas ser, substância (JESUS, 1997, p.47).*

Nesse sentido, a Física de Descartes tem, como já salientamos, raízes metafísicas, isto é, a certeza depende, em última análise, da fé em Deus. Neste sentido, não deixou de representar um certo retrocesso, se consideramos quanto todos os eruditos de então, incluídos aqueles seus contemporâneos que vieram a ser mártires do saber, estavam empenhados em abrir o caminho oposto, suplicando a seus algozes a separação entre filosofia e religião.

Mas aconteceu que a filosofia de Descartes, em lugar de precipitar-se no esquecimento, projetou-se para o alto, e isto aconteceu graças à oportunidade e ao soar sedutor da já citada frase: "Penso, logo existo". Além de agradável, essa frase também representou, na época, um desafio à ditadura dos intelectuais escolásticos. Deixava claro que só existe um ponto de partida verdadeiro, mesmo na dúvida, que sou eu e meu pensamento: se duvido, penso, e se penso, existo. Ela foi prontamente interpretada com sentido de liberdade e de coragem para a busca da verdade, e não o de apenas indicar, como seu autor pretendia, a tábua rasa jazente sob as idéias inatas garantidas por Deus. Portanto, esta frase na verdade está, no seu sentido mais revolucionário, divorciada do próprio pensamento de Descartes. Porém, graças a ela, Descartes, embora não tenha sido o primeiro a tentar, na verdade foi o primeiro a conseguir libertar o pensamento filosófico de suas peias escolásticas e assim inaugurar definitivamente a filosofia moderna.

Outro aspecto importante da filosofia de Descartes é sua concepção do homem em uma dualidade corpo-espírito. O universo consiste de duas diferentes substâncias: as mentes, ou substância pensante, e a matéria, a última sendo basicamente quantitativa, teoricamente explicável em leis científicas e fórmulas matemáticas. Só no homem, as duas substâncias juntaram-se em uma união substancial, unida, porém delimitadas.

A garantia que Descartes dá para a existência de Deus é que nenhum ser imperfeito ou finito, sendo igual ao homem, poderia ter produzido a idéia de um ser infinito e perfeito; somente Deus poderia ter revelado isto ao homem, como "a marca do artista impressa em sua obra". Portanto, se Deus existe como ser perfeitíssimo, Ele é bom e verdadeiro; não pode permitir o erro sistemático do espírito humano. Porque Deus é perfeito, Ele é bom, e então a imagem do mundo exterior não é uma ficção. Eu tenho a certeza de que penso, e de que indubitavelmente existo porque sou essa coisa que pensa e Deus é a garantia de que aquilo que penso deveras existe como coisa física. Portanto, as idéias claras e distintas correspondem de fato à realidade, elas não são a armadilha de um gênio enganador e perverso.

*Ao examinar o papel da dúvida no Discurso do método, não devemos esquecer que esse texto foi escrito para ser um prefácio a ensaios científicos. (...) Nesse sentido, o problema geral da realidade das coisas e das idéias não ocupa o primeiro plano. (...) Nas meditações metafísicas é precisamente o problema ontológico que está em jogo (SILVA apud JESUS, 1997, p. 34-35).*

Nesta visão científica, Descartes classifica as ciências quanto à sabedoria ou grau de clareza e nitidez de idéias que é possível atingir em cada uma. A ciência, ele diz, pode ser comparada a uma árvore; a metafísica é a raiz, a física é o tronco, e os três principais ramos são a mecânica, a medicina, e a moral, estes formando as três aplicações do nosso conhecimento, que são, o mundo externo, o corpo humano, e a conduta da vida. Mas os conhecimentos científicos não bastam a si mesmos: o tronco da física sustenta-se em raízes metafísicas. "A dúvida é o ponto de partida necessário da metafísica de Descartes" (JESUS, 1997, p.41). É o Bom Deus quem garante o conhecimento científico, porque garante as idéias claras.

A física cartesiana resulta, assim, de deduções racionais abstratas: Deus existe e serve de apoio para retirar do domínio da dúvida o conhecimento que é claro e evidente. O mundo físico está de antemão provado por uma idéia inata, a de extensão, que é a essência da corporeidade. Deus garante que idéias claras da realidade têm correspondência na realidade, Deus torna os objetos inteligíveis e os sujeitos capazes de intelecção, mas há que vencer a imperfeição do homem, cujas impressões sensíveis vem de fora e são deformadas.

pois, uma lacuna. Lacuna esta que deixou conseqüências e se faz presente até os dias atuais.

Hoje, as ciências naturais tomam novos rumos onde espaço e tempo absoluto não pertencem aos novos domínios. E às ciências humanas, cabe agora, retomarem o homem e o Ser do homem, o universo e o Ser do universo. Do homem como totalidade, como um conjunto onde razão, sensação, sentimento e intuição atuarão como formas de conhecimento e percepção.

Assim, o paradigma cartesiano-newtoniano orienta o ato do conhecimento pela razão e experimentação, revelando o cultuar do intelecto e o exílio do coração. O universo é visto por uma relação causal. A visão reducionista vigente fragmentou tanto a nossa realidade externa, quanto a nossa realidade interna. No plano da existência, a ética individual e os valores materiais concretizam a civilização do "ter". As maravilhas que são as conquistas científico-tecnológicas são fruto desse paradigma. Contudo, nele estão também enraizadas as causas da crise multidimensional em que vivemos hoje.

A crescente violência, a depredação do meio ambiente, a crise social e a crise interior são sinais claros do esgotamento do potencial de um paradigma que não significou um erro, mas, uma trajetória necessária no processo evolutivo do pensamento humano. Estamos, hoje, testemunhando a busca espontânea de um novo paradigma que signifique um novo salto de qualidade na vida e na viagem histórica da humanidade.

### **3.2. Verdades científicas e metafísicas**

*Descartes acrescenta a idéia de que Deus é infinito e não pode ser compreendido, mas pode-se atingi-lo com o pensamento, da mesma maneira que podemos tocar com as mãos uma montanha, mas não podemos abraçá-la como fazemos com uma árvore ou outra coisa que não exceda o tamanho de nossos braços (JESUS, 1997, p.29.).*

fundamental para o desenvolvimento da civilização ocidental. Foi com Descartes que se iniciou a matematização e a mecanização do universo que se faz presente até nos dias atuais.

A base da filosofia cartesiana está na crença da certeza do conhecimento científico. Porém, essa proposição cartesiana não corresponde à verdade. A física do nosso século diz que não existe verdade absoluta. Hoje, todos nós, temos a consciência da verdade relativa. A verdade como conceito só pode ser entendida por uma perspectiva histórico-temporal, já que, é absoluta em seu tempo e concernente em sua época. Há que se destacar também que o método cartesiano como único válido para o conhecimento científico verdadeiro foi fundamental na instalação do desequilíbrio cultural vigente. Mas, provou sua extrema utilidade no desenvolvimento das teorias científicas e projetos tecnológicos apesar, de fragmentar o pensamento humano, que hodiernamente, crê que todos os fenômenos, se reduzidos a suas partes constituintes podem ser compreendidos.

A matéria e a mente, criações divinas, colocam o Deus cartesiano em um patamar superior, “e, portanto, neles não se encontra nada que não faça aparecer a potência e a bondade do Deus que os produziu” (DESCARTES, 2000, p.131). Era ele, referência, fonte natural da luz da razão humana. A figura de Deus foi essencial para a filosofia científica de Descartes. Porém, os cientistas do século seguinte excluíram a figura de Deus do conhecimento científico e passaram a desenvolver suas teorias concentrando-se apenas na divisão cartesiana de mente e matéria.

Outra concepção cartesiana, que teve profunda influência na ciência moderna, diz respeito aos seres vivos. Afirmou o filósofo que não via diferença entre as máquinas e os homens. O organismo vivo era também uma máquina. A decomposição dos organismos vivos passam a ser as principais tarefas da biologia, medicina e psicologia, não só nos últimos séculos, mas até hoje.

O ponto positivo desse raciocínio humano é que podemos tratar melhor e mais seguramente da saúde do homem. Tanto da saúde física, quanto da saúde mental. Mas, as doenças modernas vão além do físico e da mente como órgão. Muitas têm sua origem nos sentimentos, no espírito ou na própria solidão humana. O modelo cartesiano não abrange nem o sentimento nem o espírito do homem. Fica

basta para que se chegue ao conhecimento verdadeiro. Para isso é preciso ir além da intuição evidente, é necessária também uma dedução. Unindo indução e dedução Descartes cria o método analítico. O método cartesiano consiste na decomposição do elemento, do mais simples ao mais complexo. A predileção cartesiana pelo *cogito* levou-o a concluir que matéria e mente eram substâncias distintas contudo, ambas são criações divinas. Para o filósofo o universo era uma máquina que podia ser conhecida e desvendada pela razão.

*É como um relógio, composto de rodas e de contrapesos, não observa com menos exatidão todas as leis da natureza quando satisfaz inteiramente ao desejo do operário, assim também, se considero o corpo do homem como sendo uma máquina construída e composta de ossos, de nervos, de músculos, de veias, de sangue e de pele de tal modo que, ainda que nele não houvesse nenhum espírito, ele não deixaria de mover-se de todas as mesmas formas que faz presentemente, quando não se move pela direção de sua vontade nem, por conseguinte, pela ajuda do espírito, mas somente pela disposição de seus órgãos (DESCARTES, 2000, p.127).*

Essa visão mecanicista do universo incluía também os seres vivos. Plantas, animais e até os homens tomaram-se máquinas. Chega ele a comparar um homem doente com um relógio mal fabricado. Criador da estrutura da ciência moderna não pôde, em vida, esboçar nada além de seu pensamento. Isaac Newton foi quem fez do sonho de Descartes uma realidade viva. Através da analítica de seu antecessor desenvolve a completa formulação matemática da concepção mecanicista do universo.

Porém, foi a partir de Francis Bacon (1997) que o objetivo da ciência passou a ser o de um conhecimento que visava a dominação e o controle da natureza e, indo mais além podemos afirmar que, hoje, por causa dessa visão a ciência e a tecnologia moderna enredaram por um caminho antiecológico. “Antes de abordar o conhecimento verdadeiro Bacon e Descartes examinaram exaustivamente as causas e as formas do erro, inaugurando um estilo filosófico que permanecerá na Filosofia, isto é, a análise dos preconceitos e do senso comum” (CHAUÍ, 1997, p.115). Então, foi com Descartes que, essa nova visão viria a ser de importância

*(...) Como Bacon, Descartes também está convencido de que é possível vencer esses efeitos, graças a uma reforma do entendimento e das ciências (CHAUI, 1997, p.116).*

Brilhantismo na matemática, Descartes deixa-se influenciar pela nova física e astronomia. Propõe-se a formular um novo sistema filosófico, já que, rompia com qualquer conhecimento tradicional. Descartes tinha por objetivo encontrar um método científico que fosse válido universalmente. Pretendia uma ciência baseada em princípios fundamentais que não carecessem de demonstração. Passa a fazer de sua vida uma busca incessante na distinção da verdade e do erro em todos os campos do saber. “Eu sempre tive um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver com clareza as minhas ações e caminhar com segurança nesta vida” (DESCARTES, 1989, p. 37).

O filósofo acreditava que a ciência era sinônimo da matemática. Sua certeza é essencialmente matemática, “comprazia-me, sobretudo, com as Matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não percebia ainda seu verdadeiro uso” (DESCARTES, 1989, p.35). Como os fenômenos naturais em sua totalidade podem ser explicados matematicamente pensava que não seria necessária a admissão de outros princípios da física. O ponto fundamental de seu método é a dúvida. Lança mão da dúvida hiperbólica duvidando de tudo o que pode ser dubitável, inclusive de seu próprio corpo.

*Assim, eu verificava que a dúvida, a inconstância, a tristeza e coisas semelhantes não podiam existir nele, já que eu próprio apreciaria muito estar isento delas. Além disso, eu tinha idéias sobre muitas coisas sensíveis e corporais, pois, embora supusesse estar sonhando e que era falso tudo o quanto via e imaginava, não podia negar, apesar disso, que as idéias pertinentes não existissem verdadeiramente em meu pensamento; mas, por já ter reconhecido em mim claramente que a natureza inteligente é distinta da corporal... ( DESCARTES, 1989, p.58).*

A natureza humana, em sua essência, reside no pensamento. Tudo o que concebemos clara e distintamente é considerado, pelo filósofo, como verdadeiro. A essa concepção clara e distinta chama ele de intuição. Porém, só a intuição não

### 3.1. A contribuição da ciência

*Com Galileu, já não há mais o interesse pela essência das coisas materiais e suas causas últimas, mas a atenção é toda concentrada nos fenômenos e leis que as regulam. Antes de tudo, o que contam são as leis. Tratam-se de uma revolução que produziu muitos frutos. Um pouco por vez, graças a Galileu, Newton, Lavoisier, Einstein e tantos outros, a investigação científica conseguiu, ao menos em leis que regulam os fenômenos de nosso mundo.*

*Cabe ainda a Galileu o mérito de ter divulgado uma nova visão do universo (a copernicana), fazendo-a tomar o lugar da ptolomaica. O ponto de maior discrepância entre as duas visões está no fato de que, enquanto para Ptolomeu o centro do universo é a terra (geocentrismo), para Copérnico o centro é o sol (heliocentrismo) (MONDIN, 1980, p.50).*

De acordo com a visão de MONDIN (1980), a Revolução Científica tem início com a concepção copernicana de que a terra não era o centro do universo mas sim, um dos muitos planetas existentes ao redor do sol. É a visão heliocêntrica confirmada por Galileu. Foi ele o primeiro a combinar a linguagem matemática com a experimentação científica. Os dois aspectos do trabalho realizado por Galileu Galilei são as características dominantes da ciência no século XVII.

Contudo, a primazia das propriedades quantificadas na ciência moderna, acarreta a perda da visão, som, gosto, tato e olfato, além da sensibilidade estética e ética. Perdeu-se também, entre tantas outras coisas, a noção de espírito. Paralelo ao trabalho de Galileu, Bacon formulava sua teoria sobre o procedimento indutivo. Com a teoria de Bacon a compreensão da ordem natural inverteu-se. O objetivo da ciência passa a ser o domínio e o controle da natureza. Desaparece, com a revolução científica, a concepção orgânica da natureza. Surge a concepção do mundo como máquina. As duas grandes figuras que iniciam e completam esse novo paradigma são: René Descartes e Isaac Newton.

*Bacon acreditava que o avanço dos conhecimentos e das técnicas, as mudanças sociais e da Filosofia propiciaram uma grande reforma do conhecimento humano, que seria também uma grande reforma na vida humana. Tanto assim que, ao lado de suas obras filosóficas, escreveu uma obra filosófico-política, a Nova Atlântida, na qual descreve e narra uma sociedade ideal e perfeita, nascida do conhecimento verdadeiro e do nascimento das técnicas.*

imaginação é, somando-se à continuidade do eu e à memória, um terceiro requisito e um terceiro fundamento da possibilidade da dúvida.

Mas, se o sujeito não percebesse nenhuma diferença entre as coisas tal como se lhe apresentam e as coisas tal como as supõe, não poderia tomar consciência de que supôs, pois não haveria para ele diferença entre supor e perceber, "(...) de sorte que é necessário que eu detenha e suspenda doravante meu juízo sobre esses pensamentos e que não lhes dê mais crédito do que daria a coisas que me parecessem evidentemente falsas" (DESCARTES, 2000, p.36). Eis, portanto, que a consciência dessa diferença é, ela também, um requisito e um fundamento da possibilidade da dúvida.

Logo, a dúvida sobre a realidade do mundo não pode apresentar-se como simples escolha entre duas possibilidades de valor igual e idêntica origem, mas sempre como escolha entre um dado e um suposto, entre o recebido e o inventado.

Pois, subentendida a consciência da diferença entre supor e perceber, paralelamente à consciência que o eu tem de suas próprias ações, não haveria como negar que o eu pensante tem consciência da diferença entre ação suposta e ação realizada, de vez que a ação realizada não é somente pensada, mas percebida fisicamente, exatamente como os seres do mundo sensível. Não posso, portanto, colocar em dúvida os seres do mundo sensível sem no mesmo ato colocar também em dúvida os atos físicos que me vejo realizando, como por exemplo, os movimentos de minhas mãos e pernas. Mas, ao mesmo tempo, não os posso colocar em dúvida sem questionar, no mesmo instante, a continuidade e unidade do eu, a qual, no entanto está pressuposta. Eis aí outro motivo pelo qual a dúvida, sendo dúbia por sua natureza mesma, não poderia instalar-se senão pondo-se também a si mesma em dúvida.

A dúvida ergue-se, assim, sobre todo um edifício de dados e pressupostos: longe de ser logicamente primeira, ela é um produto requintado e elaboradíssimo de uma máquina de saber. Longe de ter um poder fundante, ela não é senão uma manifestação mais ou menos acidental e secundária de um sistema de certezas.

Portanto, sempre que refletimos sobre a dúvida, sabemos que se o ato de duvidar é formalmente distinto do ato da reflexão, a certeza da continuidade do eu é a garantia única de que a dúvida foi realmente vivenciada. Pois a dúvida, se não recebesse da reflexão posterior o nome que lhe confere a aparente unidade de um estado, acabaria por se reduzir a mera sucessão de negações e afirmações irrelacionadas, sucessivas alucinações de um sujeito esquizofrenicamente plural, destituído do império de si e dissolvido no fluxo atomístico dos seus estados.

Para poder ser objeto de reflexão, a dúvida recebe a artificial unidade de um nome; e se logo em seguida a mente se esquece de que essa unidade é um mero ente de razão e a toma como unidade substancial, então se trata de um desses casos de auto-hipnose reflexiva em que o nome produz magicamente, *a posteriori*, a realidade do seu objeto.

Sendo formalmente distintos, os dois atos são distintos também empiricamente, isto é, no tempo: *primeiro* duvido (isto é, vou e venho entre sucessivas afirmações e negações), *depois* reflito que duvidei (isto é, unifico sob o nome "dúvida" essa multiplicidade de vivências antagônicas). "Mas não basta ter feito essas observações, é preciso ainda que eu tome o cuidado de lembrar-me delas" (DESCARTES, 2000, p.37), a unidade do eu, que está subentendida nessa reflexão mesma, e portanto na certeza da dúvida, é aquela continuidade no tempo, que se denomina *memória* e *recordação*: a memória, estando pressuposta na reflexão, é lógica e temporalmente anterior a ela: longe de poder fundar a nossa confiança na memória, é a dúvida que depende dela para ter um fundamento lógico e para tornar-se possível no campo dos fatos psicológicos.

Porém, a dúvida assenta-se numa *suposição*; ela requer e subentende o poder de supor. Ora, tendo as coisas se apresentado ao sujeito de um certo modo, e não de outro, este outro e suposto modo só pode apresentar-se à consciência como obra do sujeito mesmo, como produto de imaginação ou conjetura. Para saber que duvida, é necessário então que o sujeito *saiba que supôs*; que se reconheça portanto como sujeito não apenas de *dois* atos, como acabamos de ver, mas de *três*: o ato de *duvidar*, o ato de *refletir* a dúvida e, antes de ambos, o ato de *supor* ou imaginar. A

E só quando a dúvida deixa de ser vivência presente para passar a ser objeto de reflexão que surge esta certeza puramente retrospectiva e narrativa:

*Não consegui, até agora, estabilizar-me na negação ou na afirmação(...) a dúvida, em suma, é um meio para um fim, não um fim em si. E no final das Meditações, é admirável que o meditador seja capaz de descartar, com alívio, suas dúvidas anteriores, que então, passa a considerar risíveis e exageradas (COTTINGHAM, apud JESUS, 1997, p.35).*

Existe, portanto, não só distinção lógica como também separação de fato entre a dúvida enquanto vivência presente e a dúvida enquanto objeto de recordação e reflexão — e é esta que é certa e incontestável não aquela, embora Descartes tome uma pela outra e nos repasse como evidência intuitiva direta o que é fruto de reflexão. É somente esta reflexão que, dando um nome à alternância vivenciada, confere artificialmente a unidade de um "estado" ao que é na verdade uma sucessão de estados que se suprimem mutuamente ou uma coexistência de estados puramente potenciais, dos quais cada um só se pode atualizar à custa da exclusão dos outros. Conferindo ao vazio da alternância a consistência positiva de um estado, no mesmo instante Descartes transforma a dúvida em mera negação hipotética, tomando então como estado psicológico efetivo o que é apenas o conceito lógico de um estado possível.

Com base nesta reflexão, percebemos então que, na afirmação reflexiva da realidade da dúvida estão pressupostas duas crenças: a crença na continuidade da consciência entre a dúvida e a reflexão, e o conhecimento da distinção entre verdade e falsidade.

*Ora, não será necessário, para atingir esse desígnio, provar que são todas falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de crer nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que naquelas que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que aí encontrar bastará para fazer-me rejeitar todas (DESCARTES, 2000, p. 30).*

## CAPITULO III

### 3. REFLEXÕES FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS

A dúvida, na visão de Descartes é um pensamento, e, no instante em que a penso, não posso duvidar de que a penso. A autoconfiança na solidez metafísica do ego pensante surge como poderosa compensação psicológica para a perda da confiança na realidade do "mundo".

Só que, tão minucioso em descrever os pensamentos que antecedem o estado de dúvida, Descartes é estranhamente evasivo quanto ao estado de dúvida mesmo. Na verdade, ele não o descreve: afirma-o, apenas, e, saltando imediatamente da descrição para a dedução, passa a tirar as conseqüências lógicas que a constatação desse estado lhe impõe.

Descartes diz que a dúvida é uma certeza no instante em que é pensada. Porém, podemos assegurar que: o que é certeza é a reflexão posterior que afirma a realidade da experiência da dúvida. No instante mesmo da dúvida, pode haver, uma alternância entre afirmação e negação, e portanto, a impossibilidade mesma de afirmar um estado qualquer, se por estado entendemos, como se deve entender, a coincidência entre um juízo de fato e o sentimento que o valoriza negativa ou positivamente, como ocorre na tristeza, na raiva, na pressa e na esperança.

A dúvida não é um estado, pela simples razão de que nela o sentimento, que pode ser de ansiedade, de esperança, de curiosidade..., não coincide com um juízo determinado, mas provém justamente da impossibilidade de afirmar ou negar um juízo. Ela é antes um momento de suspensão entre estados, um vazio agitado que contém em germe vários estados possíveis — pelo menos dois — e não se resolve em nenhum deles sem suprimir-se a si mesma. O homem portanto nunca "está" em dúvida: apenas passa por ela, precisamente como transição entre estados.

ser torto decorria da refração); outras vezes ele viu, ao entardecer, uma parede vermelha, para descobrir, pela manhã, com o sol a pino, que a parede era branca. Assim, não podemos confiar sempre, e portanto não *devemos* confiar nunca, nos *sentidos*, ou seja, nos órgãos que comunicam à minha mente aquilo que está fora dela.

Um segundo fundamento pode ser então a certeza de que, bem despertados, não somos loucos, e que portanto não pensamos que exista algo que na verdade aquilo não exista. No entanto, muitas vezes Descartes teve sonhos que lhe pareciam bem reais, e que não lhe pareciam ser sonhos. Há algo, no entanto, de que geralmente não se duvida: do entendimento, ou seja, do raciocínio. Ainda que os sentidos enganem, ainda que na verdade tudo o que se vê e se sente não passe de imaginação, ainda assim deve se concordar com o fato de que dois mais três são cinco. Pois, sendo Deus considerado um *gênio maligno* que sente prazer em induzir ao erro, que engana inclusive sobre as certezas matemáticas, Descartes chega à dúvida hiperbólica: duvidando dos sentidos, da imaginação, e até, do entendimento.

*Com efeito, saberá que a faculdade de discernir o verdadeiro do falso não lhe foi dada por um Deus sumamente bom e veraz para que se enganasse. Ora, não podemos ter uma idéia clara e distinta de Deus enquanto não soubermos se o autor de nossa natureza nos engana (DESCARTES, 2000, p.142-146).*

Ora, se Descartes duvida de tudo, de seus sentidos, de estar em estado de vigília, da existência de seu próprio corpo, da matemática e da existência de um *bom Deus* (já que crê num *gênio maligno*), então há algo de que ele não pode duvidar (pois é condição para que ele duvide): ele não pode duvidar que ele duvida, que ele pensa, e, portanto, que ele existe. Descartes chega a esta *primeira certeza* (na ordem das razões) por meio de suspensões de juízo, a primeira *evidência* de um conhecimento dotado de *certeza*. É a partir dela que Descartes vai construir um novo edifício. Pelo menos *enquanto* duvida, enquanto pensa, Descartes pode estar certo de sua existência.

Nesta ótica, é óbvio que existe um mundo, que os seres humanos possuem corpo e outras coisas análogas, que jamais foram postas em dúvida por pessoa alguma dotada de bom senso. O que se pretende, com a dúvida apresentada, é que, ao examinar-se de perto essas possibilidades (do mundo não existir, dos seres humanos não possuírem corpos, etc.), é possível concluir que essas *verdades* não são tão sólidas nem tão evidentes quanto aquelas que nos conduzem ao conhecimento de Deus e da nossa alma. Elas não são mais sólidas nem mais fundamentais que a demonstração da existência do *eu*, ou seja, do espírito, da coisa pensante “*Eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que recebo em meu espírito*” (DESCARTES, 2000, p.43).

Em Descartes, duvidar de tudo é um método para encontrar-se uma certeza da qual seja possível partir na reconstrução das demais certezas. É preciso então, encontrar “novos fundamentos” para se construir um conhecimento revestido de certeza. Para isso, Descartes assume uma posição, um pressuposto do qual dependerão todas as suas conclusões: não confiar em nada que, em algum momento, o tenha induzido a erro, já que não há um *método* ou *critério* que lhe permita saber se em uma circunstância específica, ele está sendo induzido em erro. Na dúvida, é melhor duvidar. Descartes chama isto de *suspensão de juízo*: como ele não pode ter certeza de uma via, ele recusa a utilizar-se dela *por enquanto*.

*(...) mas, imaginando, ele se volta para o corpo e nele considera algo de conforme à idéia que formou de si mesmo ou recebeu pelos sentidos. (...) E no exterior, além da extensão, das figuras, dos movimentos dos corpos, eu notava neles dureza, calor, e todas as outras qualidades que incidem sob o tato. Além disso, neles notava luz, cores, odores, sabores e sons, cuja variedade me dava meio de distinguir o céu, a terra, o mar e, em geral, todos os outros corpos uns dos outros (DESCARTES, 2000, p.113).*

O primeiro dos fundamentos possíveis para a construção da certeza são os *sentidos*. No entanto, Descartes observa que, algumas vezes, os sentidos o induziram a erro: muitas vezes ele viu um galho na água que lhe parecia torto, e no entanto, ao retirar o galho da água, descobriu que ele era reto (e que a aparência de

*produzir – sem utilizar senão pouquíssimas peças, em comparação ao incontável número de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal – considerará esse corpo como uma máquina que, tendo sido construída pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens. (DESCARTES, 1989, p.74).*

## 2.2. Meditações a cerca da dúvida

Uma grande obra que vem enriquecer a lista dos *grandes livros da Filosofia* são as *Meditações* de René Descartes, pois, elas marcam a ruptura entre a filosofia antigo-medieval, baseada na evidência do mundo (poderíamos dizer, em dos objetivos), e a filosofia moderna, baseada em um dado subjetivo, o *cogito*.

Nesta obra, Descartes procura provar a existência de Deus e a imortalidade da alma (bem como sua separação *real e verdadeira* em relação ao corpo, que dá origem ao *dualismo* cartesiano), não por meio da fé, mas por meio da *razão natural*. Em sua prova, Descartes vai utilizar um método que ele vinha desenvolvendo há algum tempo, um método baseado em evidências, em idéias claras e distintas e em recusar a utilizar-se de qualquer coisa que não seja revestida de certeza. Este método também pressupõe, como ele expõe no “Resumo das seis meditações”, para se provar uma proposição, é preciso proceder como os geômetras, e provar antecipadamente tudo aquilo que está implícito e que é condição para a demonstração. Ao expor a concepção de seu método, Descartes explicita o método filosófico por excelência: em uma demonstração (filosófica), tudo aquilo que serve de base para a demonstração deve ser (racionalmente) comprovado.

*E na verdade cuidei que vós senhores, com todos os teólogos, não asseguráveis somente que a existência de Deus pode provar-se por razão natural, mas também que se infere da Sagrada Escritura que se tem de várias coisas criadas e que, com efeito, é tão fácil que aqueles que não têm culpados (DESCARTES, 2000, p.4).*

Para Descartes, a idéia, como representação de algo, também tem seu ser, essa é uma novidade que Descartes apresentou à Filosofia, fazendo possível falar no *ser da idéia*, que é independente daquilo que ela representa. Entende-se, portanto, que ele tenha baseado sua física em sua metafísica, propondo que Deus assegura o conhecimento científico a partir de idéias claras.

Descartes preconizou assim, o caminho inverso: tem-se primeiro as representações que depois são validadas como reais pelos critérios do método; parte-se das idéias e nelas se encontram os indícios de que elas correspondem a alguma coisa. O idealismo de Descartes não excluiu as coisas externas, apenas substituiu a insegurança do conhecimento obtido pelas sensações, pela segurança das representações. Primeiro, se estuda o conteúdo da mente, para depois ir da representação para a coisa por ela representada.

Na ciência, suas idéias e doutrinas foram formuladas e apresentadas na tentativa de conciliar a Igreja e seu compromisso com o método científico. O Método Científico enfrentava a oposição dos membros da Igreja da época. Por exemplo: Descartes esteve inclinado a declarar em um livro que aceitara a teoria de Copérnico do sol como sendo o centro do universo, porém, ele abandonou a teoria quando esta foi declarada uma heresia pela Igreja Católica Romana: “O sábio italiano, cujos *Dalogue sur lês deux principaux systêmes du monde, celui de Ptolémée, et celui de Copernic foram publicados menos de um ano antes, é intimado pela Santa Sé a renunciar às suas posições pró-Copérnico (DESCARTES, 1989, p.11).*

Na ciência, Descartes também apresentou uma abordagem diferente da tradicional, a qual era embasada no empirismo. Descartes, por sua vez, rejeitava essa visão e acreditava que a verdade era alcançada através do racionalismo e da lógica. No campo da fisiologia, Descartes defendeu a idéia de fluído do sangue de espíritos animais. Segundo ele, os espíritos animais entravam em contato com substâncias racionais no cérebro e circulavam ao longo dos canais dos nervos com o intuito de animar os músculos e outras partes do corpo:

*Isso não se afigurará de modo algum estranho a quem, sabendo quão diversos autômatos, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode*

## 2.1. A idéia da Dúvida

Descartes parte da dúvida chamada metódica, porque ela é proposta como uma via para se chegar à certeza e não é dúvida sistemática, sem outro fim que o próprio duvidar, como para os céticos. Argumenta que as idéias em geral são incertas e instáveis, sujeitas à imperfeição dos sentidos. Algumas, porém, se apresentam ao espírito com nitidez e estabilidade, e ocorrem a todas as pessoas da mesma maneira, independentes das experiências dos sentidos, e isto significa que residem na mente de todas as pessoas e são inatas.

Descartes vai, por etapas, nomear as idéias que ele inclui nessa categoria de claras, distintas e inatas e vai demonstrar que essas são idéias verdadeiras, não podem ser idéias falsas.

Ao tomar a dúvida como um "estado", omitindo que se trata de uma alternância entre dois momentos antagônicos, Descartes a coisifica e a toma como uma certeza: "Não posso duvidar de que duvido no instante em que duvido", frase que Descartes toma como expressão da mais patente obviedade, manifesta no entanto um contra-senso lógico e uma impossibilidade psicológica. Mais certo é: ao duvidar, ponho tudo em dúvida, inclusive a dúvida mesma. A dúvida não é um estado: é uma sucessão e coexistência de estados antagônicos, é um não poder estar.

Duvidando, aquele que duvida desvela a origem da dúvida, isto é, percebe que a dúvida é um exercício do pensamento e que, portanto, dele não se pode duvidar. Se a dúvida existe, existe o pensamento e eu que duvido, penso, e portanto existo, pelo menos como ser pensante - *penso, logo existo*, é o célebre *cogito, ergo sum*, o *cogito* cartesiano, a *primeira certeza*, fundamento do racionalismo moderno. Como disse:

*Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que as mais extravagantes proposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como primeiro princípio da Filosofia que procurava (DESCARTES, 1973. p.54).*

Chega-se a um ponto no qual não há outro procedimento senão verificar se Deus existe e se é enganador, “pois é igualmente fácil a quem não tem uma idéia verdadeira de Deus, o que já supomos não ter” (DESCARTES, 2000, p.144). Se a razão, por um lado, é o que possibilita conhecer as verdades, por outro, ela não é capaz de se autofundamentar sem um ser absoluto que a sustente e a legitime. Reconhece-se, então, a existência da idéia de um Deus perfeito, onipotente, onisciente, onipresente dentro dele. E, como nos faz concluir a luz natural, a causa deve ter, no mínimo, tanta realidade quanto o efeito; ou seja; eu, na condição de ser finito e imperfeito, não poderia ter a idéia de um ser perfeito e infinito se ela não tivesse sido inculcada em mim por ele.

Uma prova mais sólida é ainda apresentada: assim como um triângulo não iria sê-lo se seus ângulos não somassem 180 graus, Deus não seria perfeito se não existisse já que a perfeição requer existência para ter tal denominação. Em outras palavras, um triângulo pode não existir, mas, toda vez que eu o concebo, a soma de seus ângulos internos deve ser igual à de dois retos; da mesma forma que Deus pode não existir, mas, toda vez que o concebo, sou obrigado a atribuir-lhe existência.

Com a prova da existência de Deus, deixamos o Cogito para começar a abraçar o mundo exterior por meio de algo que faz, ao mesmo tempo, parte do Cogito e desse mundo exterior a ele, servindo, portanto, como uma ponte, um elo entre eles. Cabe, ainda, evidenciar que temos, pela primeira vez, algo que existe por si só, independente do Cogito; e esta é a principal diferença entre eles: enquanto o Cogito é o próprio pensamento, Deus existe por si só, mesmo sem o pensamento. Mas, não basta provar Sua existência, deve-se provar também Sua veracidade, ou seja, que Ele não é enganador e ainda que não é responsável pelos erros humanos, “se podemos formar um tal conceito de Deus que nos disponha de tal modo que não nos seja igualmente fácil tanto pensar que ele é quanto não é enganador” (DESCARTES, 2000, p.145). Daí, segue-se a cadeia de raciocínios, inocentando Deus dos erros humanos até chegar à superfície da última camada de água que é a prova da existência das coisas materiais.

inseparáveis e a primeira como condição e prova da segunda, que, por sua vez, é condição para aceitar uma visão intelectual plena da verdade.

Descartes, afirma que precisa, tal qual Arquimedes, de ao menos um ponto fixo, uma verdade indubitável para que, com uma alavanca, pudesse mover o mundo de lugar, ou seja, edificar seu conhecimento. E, partindo da dúvida, chega a esse ponto, à primeira evidência que se trata é de que se duvido, penso, e se penso, existo; mesmo que algum Gênio Maligno me engane eu preciso existir para ser enganado. Essa primeira certeza não é somente externa a qualquer dúvida, mas também clara e distinta. E se, uma evidência é sempre clara e distinta, quando algo apresentar essas duas características não temos como considerá-la falsa. Assim, temos o critério para se constatar uma verdade; pode-se, então, começar um caminho de eliminação das dúvidas e constatação de evidências.

“Na seqüência de que vejo claramente que eu teria tão pouca razão dizendo: excitarei minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou...”.(DESCARTES, 2000, p.47). Assim, a Luz natural é a responsável pela nossa capacidade de discernimento. É o que se apresenta de mais perfeito em nós e, se ela não puder nos mostrar o que é claro e distinto e, portanto, verdadeiro, nada mais poderá.

O eu pensante, apesar de ser um ponto de partida indispensável, não destrói a dúvida universal, é uma exceção a ela, pois sua existência é somente intelectual e não afirma senão ela mesma. Por isso, não é suficiente conhecê-lo; devo ainda examinar se não existe nada mais dentro de mim que eu conheça. Além disso, numa primeira análise, Descartes só existe enquanto pensa que existe, ou seja, o que é evidente, só é evidente no momento em que é percebido e não existe distinção entre ser e conhecer.

Entretanto, "sou uma coisa que pensa" e meus pensamentos, sentimentos e emoções são maneiras de pensar que existem ao menos dentro de mim. Deve-se tomar especial cautela, no entanto, com nossos juízos, pois é um erro muito comum assumir que nossas idéias são semelhantes aos objetos. Enquanto as idéias e a vontade confinam-se nelas mesmas, os juízos acrescentam algo a elas por uma mediação e, portanto, estão expostos ao Gênio Maligno.

parecem tão reais quanto aquelas que tem em vigília e, no entanto, só consegue concluir que estava sonhando e que aquelas sensações não eram reais quando compara esse estado com o de vigília. Daí decorre a idéia de que pode estar sonhando e não saber. Devido a essa dúvida natural, conclui que não deve, portanto fiar nos conhecimentos que obtém a partir de seus sentidos.

Dando continuidade ao processo de investigação do espírito, depara-se com a matemática, que independe dos sentidos e do estado do espírito e é imutável, pois está somente dentro da mente. O método científico só poderia, portanto, ter a matemática como base. No entanto, Descartes, dá proporções metafísicas à dúvida colocando até mesmo a matemática no segundo grupo das idéias, ou seja, no das duvidosas. Assim, o próprio método é colocado em dúvida por causa de sua base matemática através de um artifício chamado Gênio Maligno. Tal artifício consiste em admitir a possibilidade de um deus todo poderoso esconder dele as verdades matemáticas, que lhe faz crer, por exemplo, que um triângulo tenha sempre três lados toda vez que o concebe. Esse deus enganar-lhe-ia, far-lhe-ia acreditar em relações matemáticas falsas e impedir-lhe-ia de alcançar a verdade. Como não temos como provar ainda que tal deus não existe, a matemática deve também ser colocada em suspensão.

***Dúvida de tudo.** Dessa forma, primeiro pôs diante dos olhos tudo aquilo que recebera dos sentidos: o céu, a terra e coisas similares, e também seu próprio corpo; tudo o que até então estimara haver nas coisas da natureza. E dúvida da certeza disso depreendera que os sentidos o havia enganado algumas vezes e no sono amiúde persuadira-se de que verdadeiramente existiam muitas coisas fora de si, no que, depois, vinha a saber que se iludira; e, enfim, porque já ouvira outros, em vigília, dizerem sentir dor em membros de que há muito careciam. Por conseguinte, não sem razão pôde duvidar até da existência de seu próprio corpo (DESCARTES, 2000, p.137).*

Com tamanha dimensão da dúvida, não restou mais a ser colocado nesse campo. Sem interromper o encadeamento preciso de idéias que vinha sendo desenvolvido, deixa a dúvida e parte em busca da evidência. E esse é justamente o procedimento da obra cartesiana: considerar a dúvida metódica e a evidência

*Considerarei a mim mesmo como não tendo mãos, nem olhos, nem carne, nem sangue, como não tendo nenhum sentido, mas crendo falsamente ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apagado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder alcançar o conhecimento de alguma verdade, pelo menos está em meu poder suspender meu juízo (DESCARTES, 2000, p 38).*

A dúvida de que trata Descartes não é uma mera dúvida cética, pois os céuticos não acreditam que o homem possa chegar a qualquer verdade. É metódica, e não tem caráter existencial visto que esperou-se o momento oportuno para tratar dela; é universal, pois, em princípio, tudo se pode colocar em dúvida; é radical por se tachar de falso tudo que é apenas duvidoso; é hiperbólica por ser ilimitada; e provisória pelo fato de o método ter a função de saná-la até onde o intelecto humano permitir.

Portanto, para se ter uma certeza absoluta é necessário haver uma dúvida prévia, não excluir nada da dúvida a não ser que ela seja radicalmente impossível e, por fim, tratar como provisoriamente falsas todas as coisas passíveis de dúvida. “Neste ponto, é mister assinalar que as regras de Descartes são mais abundantes e flexíveis. Isto é testemunho pelo fato de as *Regras* terem permanecido inacabadas, o que manifesta a impossibilidade de resolver, os procedimentos semelhantes, todos os problemas” (JESUS, 1997, p.24).

“(…) mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que seria necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida” (DESCARTES, 1989, p.55). Além dessa técnica de considerar idéias apenas duvidosas como falsas, Descartes adotou uma outra técnica decorrente dessa, que consiste em dividir, de um lado, as idéias indubitáveis, e de outro, todas as demais. Com auxílio dessas duas técnicas, começa a investigar as idéias presentes em sua mente.

As primeiras a serem consideradas como duvidosas são as que têm os sentidos como intermédio. Se os sentidos já o enganaram uma vez, isso pode acontecer novamente. Como justificativa dessa generalização, na *Primeira Meditação*, Descartes recorre ao sonho: durante o sonho tem sensações que

## CAPITULO II

### 2. DÚVIDA METÓDICA E EVIDÊNCIA

A revolução cartesiana consistiu em romper com o realismo, que considerava as idéias como representações, reflexos do Mundo que eram levadas até à mente unicamente através dos sentidos. Descartes, porém, parte não das coisas externas ao intelecto como os realistas escolásticos, mas sim da subjetividade, que considera primeiro as idéias de dentro do intelecto para, a partir delas e seguindo um método rigoroso, chegar à prova de que as coisas que percebemos existem realmente fora de nós.

*Ora, a primeira e principal coisa que é requerida, antes de conhecer a imortalidade da alma, é formar uma concepção clara e nítida e inteiramente distinta de todas as concepções que se possam ter do corpo: o que foi feito nesse lugar. Requer-se além disso, saber que todas as coisas que concebemos clara e distintamente são verdadeiras, conforme nós as concebemos: o que não pôde ser provado antes da quarta Meditação (DESCARTES, 2000, p.24-25).*

Assim, com maturidade, depois de entender que cada povo se vê como encarnação do universal, aprendeu a não crer fielmente em tudo, a não se curvar perante o que haviam inculcado nele. Aprendeu a liberdade interior, a se livrar de preconceitos e tudo que impede o exercício da razão. Decide, então, criar um método "para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências", (DESCARTES, 1978, p.8), que antecede o exercício da dúvida e visa possibilitar ao ser humano descobrir todas as verdades possíveis, todas as evidências. Um percurso perigoso não aconselhável para todos, comparado a um mergulho no oceano que deve ser feito uma só vez na vida: precisa-se firmar os pés no chão retornando pelas mesmas camadas de água até à superfície, para só então, aliviar a angústia de não respirar.

quanto ela. Com ele nasce também na filosofia moderna. É um novo período no pensamento ocidental. Abandonando totalmente o terreno da teologia filosofante, situa-se no pensamento racional. Inaugurando, assim a corrente racionalista. Descartes coloca na razão um instrumental para o poder. Para Bacon conhecer é poder.

*Para Santo Tomás de Aquino, a verdade das coisas inscreve-se em Deus, na imutabilidade de sua inteligência. A formulação dos possíveis é, em Deus, anterior a sua vontade, eles comungam das características necessárias inerentes ao ser e também ao ser de Deus, onde radicam. Deus, para o Aquinante, não poderia, sem contradizer a si mesmo, formular uma ordem dos possíveis em que os primeiros princípios (de identidade, da não-contradição, do terceiro excluído), por exemplo, não se verificassem. Deus portanto não cria as essências, elas fazem parte de sua verdade inteligível, Ele as contempla, contemplando-se. (JESUS, 1997,p.27).*

razão: mesmo na geometria, o axioma é uma verdade intuitiva, e indemonstrável, ou seja, tão clara que é o coração que a conhece.

Talvez um ponto que aproxime Descartes e Pascal é a busca de um ponto fixo, de maneiras diversas. Em Descartes, o ponto fixo é a busca desta verdade primeira, sob a qual se pode erguer o edifício das ciências, que resultou no cogito. Em Pascal, o ponto fixo está ligado à busca de princípios morais fixos, uma vez que o eu está sempre em movimento, as paixões do homem o levam a ver as coisas de diferentes formas, e a própria condição humana o leva a aceitar a verdade mesclada com falsidade.

As idéias de Descartes, encontram também algumas divergências da linha de pensamento de Spinoza na história da filosofia, segundo Bréhier (1997, p. 18):

*Descartes nega duas vezes a positividade da idéia de substância, ao crer, de começo, que a distinção real entre dois atributos, como a extensão e o pensamento, de que cada um é concebido por si, nos obriga a aceitar duas substâncias distintas, a alma e o corpo: limitar uma substância a um atributo é limitar a realidade.*

Quanto à substância spinozista, é aquela que une o corpo, que é limitado e a alma, que é a inteligibilidade.

Já a linha de pensamento de Rousseau diverge também com suas afirmações à cerca da alma, ele afirma: “Sua alma, que nada agita, entrega-se unicamente ao sentimento da existência atual sem qualquer idéia do futuro, ainda que próximo, e seus projetos, limitados como suas vistas, dificilmente se estendem até o fim do dia.” (ROUSSEAU, 1999, p.52).

Pois para Descartes, a poesia e a eloquência têm suas belezas, mas são finezas da mente e desprovidas de raciocínio; a matemática é exata em seus raciocínios, mas sua utilidade não é evidente e o saber vale por sua aplicação; a teologia se propunha a abrir caminhos para o céu, mas para entendê-las era necessário “ser mais do que homem” (DESCARTES, 1978, p.16).

Quanto à filosofia, em toda sua história havia conquistado verdades não universais, somente verdades particulares e prováveis; e isso tinha conseqüências nas demais ciências, que tinham a filosofia como base e eram, portanto, tão incertas

Portanto, qualquer movimento em direção a um dos contrários, é um movimento perigoso, que afasta do outro. Logo, a questão do equilíbrio passa a ser crucial. Este ponto de equilíbrio não é intermediário, mas sim o princípio de alheamento que proporciona a conciliação entre os dois extremos; mesmo sem eles deixarem de existir, o ponto de equilíbrio oferece a posição necessária para o homem refletir sobre sua condição a partir de seu próprio conflito.

Este ponto é dado pela religião, quando o homem reconhece sua miséria, e por isso torna-se grande. Admitindo Deus e Jesus Cristo como o centro e a razão de todas as coisas, o homem encontra consolo e repouso para sua alma. Somente em Deus os dois extremos se unem, convergem, como num círculo. Porém, para conhecer Deus, o homem deve primeiro saber-se nada. Sabendo-se nada, toma-se tudo. É este o segredo que o fino moralismo de Pascal guarda, o de que, ao livrar-se de sua máscara que a arrogância, o amor e o ódio ao eu produzem, o homem consegue achar uma solução para a tensão entre os dois contrários. Mas Deus não é conhecido pela razão. Enquanto que para Descartes tudo se torna mais evidente quando é matematicamente explicado:

*Todavia urge reconhecer que aquilo que é representado durante o sono se apresenta como quadros e pinturas, que se formam a partir de algo verdadeiro e real. Pode, no entanto, ainda, como o pintor produz algo totalmente imaginário, acontecer que as imagens dos sonhos sejam imaginárias e irrealis.*

*Contudo, mesmo as combinações mais ilusórias e esdrúxulas devem estar conformes com certas categorias universais, de natureza simples, como extensão, quantidade, grandeza, número, espaço e tempo – que constituem o objeto da matemática (JESUS. 1997, p.38).*

O espírito geométrico não ocupa a totalidade do espírito, o sentimento, com efeito, é mais presente do que o raciocínio. É por uma faculdade específica humana, um tipo de inteligência imediata e intuitiva, chamada coração (no conceito pascalino), que é permitido ao homem a compreensão de que Deus existe e das verdades reveladas. O coração, diz Pascal, tem razões que a própria razão desconhece, e é ele quem permite perceber a conciliação entre os dois infinitos: a de que Jesus é o mediador entre o finito e o infinito. Pascal aponta a debilidade da

*Sempre estimei que estas duas questões, de Deus e da alma, antes pelas razões da filosofia que da teologia, pois, se bem que nos baste, a nós que somos fiéis, crer pela fé que há um Deus e que a alma humana não morre com o corpo, certamente não parece possível persuadir os infieis de religião alguma, quase nem mesmo de alguma virtude moral, sem que primeiramente se lhes provem essas duas coisas pela razão natural (ibidem, p.3).*

Nesse sentido, podemos fazer uma breve comparação de alguns acontecimentos e algumas opiniões filosóficas, como por exemplo: o tema do ponto fixo que aparece na época renascentista e moderna em diversas áreas do saber humano quando a situação confortável do homem no mundo cai. Como o eu de Pascal, e talvez por causa dele, a Terra ocupava, segundo os dogmas cristãos, a privilegiada posição de centro do universo. Também na física aristotélico-tomista, o geocentrismo prevalecia, e havia a noção do universo como cosmos, ou seja, um mundo finito e ordenado. Embora filósofos como Aristarco de Samos e Nicolau de Cusa tivessem defendido o heliocentrismo, foi somente a partir da infinitização herética de Giordano Bruno e do tratado das revoluções celestes de Copérnico (cujo tema foi desenvolvido depois por Galileu), que estas noções milenares vieram a cair. Isto viria a constituir, no dizer de Freud, a primeira ferida egocêntrica da humanidade.

Este fator e outros, como o salto tecnológico, comercial, urbano e científico, a noção de individualidade medieval não era mais adequada. Praticamente, a noção de eu enquanto sujeito não existia na Idade Média, o homem estava sujeito à coletividade. Perdendo sua posição privilegiada, de senhor do mundo e do universo, feito a imagem e semelhança de Deus, o homem se vê sozinho e desamparado sob o universo infinito, que por ser infinito passa a ser também incerto, sem verdades absolutamente válidas. Se para Descartes o cogito é como a alavanca de Arquimedes que permite mover o mundo, para Pascal o ponto fixo é um ponto de vista adequado para refletir sobre a verdade e o mundo. É um ponto que lhe permite refletir sobre sua situação paradoxal, e um ponto de equilíbrio entre os dois extremos.

Além de seus escritos publicados ou apenas rascunhados, Descartes deixou uma correspondência volumosa, com grande valor documental. Ela cobre uma variedade de campos, desde a geometria às ciências políticas, medicina e à metafísica, mas ocupava-se principalmente com os problemas da interação do corpo com o espírito, buscando aspectos mecânicos e fisiológicos que pudessem explicá-la.

### 1.3. Divergências e semelhanças das Linhas de pensamento

*Ora, este percurso da Meditação Primeira, ao menos no que toca a seus propósitos, não era de todo inédito. O tema da dúvida estava dado pela época, fosse pelo ceticismo que renascera havia pouco, fosse mesmo em outros pensadores, não alinhado ao ceticismo mas de índole renovadora(...). No entanto, ainda que a dúvida não seja completa originalidade de Descartes, qual o aporte e as conseqüências dela tal como utiliza metodologicamente as **meditações**? É bem controverso, mas não é em balde observar que será este um dos pontos preferidos pelos críticos da doutrina cartesiana (DESCARTES, 2000,: p. XVI e XVII).*

As obras de René Descartes, que revolucionaram o sistema filosófico e marcaram o início da nova perspectiva para o conhecimento moderno, devem ser lidas não só em si mesmas, mas devem também ser enquadradas e comparadas com a perspectiva escolástica vigente quando elas foram pensadas e escritas para, só então, entender sua grandeza .

Pois para Descartes, uma idéia clara é aquela que se apresenta imediatamente ao intelecto sem ser guiada pelos sentidos e a distinção implica em possuir intrinsecamente todas as propriedades e características que permitem diferenciá-las de todas as outras idéias; o que não deixa de ser um maior grau de clareza, decidiu então, "não procurar outra ciência senão aquela que pudesse achar em si próprio ou no imenso livro do mundo" (DESCARTES, 1978, p.17) esperando distinguir o verdadeiro do falso com *clareza* e *distinção*, não se fundamentando nos costumes pois eles são tão variáveis quanto às opiniões; que são idéias isoladas desprovidas de fundamentação em argumentos sólidos.

## 1.2. Principais obras

A maior parte das obras de Descartes é consagrada às ciências (domínios da matemática e da ótica) mas o que ele mais quis foi conseguir um modo de chegar a verdades concretas. Sua filosofia, exposta principalmente em o "Discurso sobre o Método", o mais amplamente lido de todos os seus trabalhos, é a proposta de meios para tal.

"Na obra, o novo método, é exposto em termos simples, com menos ênfase matemática. A obra descreve o que Descartes considerava um meio mais satisfatório de adquirir o conhecimento, que o representado pela lógica aristotélica. Somente a matemática, Descartes sente, está certa; assim tudo deve ser baseado na matemática"<sup>1</sup>

*As ciências se constituem pouco a pouco como disciplinas independentes, e o racionalismo científico começa a conquistar sua autonomia diante da Filosofia. Cada vez mais nítida é a separação entre a fé e a razão, entre a Metafísica e a Ciência. Servindo-se de colocações opostas às de seus contemporâneos, contra-revolução dentro da revolução. Tal é o jogo desse empreendimento singular que é o **Discours de la Méthode** (DESCARTES, 1998, p.21).*

Ainda em 1637, Descartes começa a preparar o "Meditações sobre a filosofia primeira", uma versão pouco modificada do "Discurso" escrita em latim, que vai explorar o êxito da parte filosófica do Discurso, visando aos filósofos e teólogos. Por isso, o "Meditações" constitui a principal exposição da doutrina filosófica de Descartes.

Historicamente, a importância do "Princípios de Filosofia" está na total rejeição de toda noção qualitativa ou espiritual nas explanações científicas. A determinação expressa de explicar todo fenômeno físico em termos mecânicos e relacionar esses termos a idéias geométricas e o uso de hipóteses para ajudar generalizações, abriu caminho para a abordagem moderna da teoria científica.

---

<sup>1</sup>Texto retirado de apostilas de um Seminário de Filosofia em que não consta o autor (sem bibliografia).

*O que me desgostou mais é o fato de que nenhum deles demonstrou desejo de conhecer, a meu respeito, outra coisa senão meu rosto. De tal modo que tenho motivos para crer que eles desejavam me ver na França apenas como a um elefante ou a uma pantera, em razão de sua raridade, mas não como alguém que lhe pudesse ser útil em alguma coisa (DESCARTES, 1998, p.13).*

Entre 1638 a 1640, Descartes vive na pequena cidade de Santpoort, com sua amante holandesa, Helen, e sua filha Havidá. Para sua grande mágoa, a criança faleceu em 1640. Descartes passou por vários outros momentos críticos em sua vida, principalmente em relação à sua maior paixão: seus escritos. Se a publicação das "Meditações" trouxe para Descartes renome como um dos mais famosos filósofos, também o envolveu direta ou indiretamente em amargas controvérsias de conotações teológicas.

Esteve por algum tempo na Suécia a convite da Rainha Cristina. Eles haviam se encontrado em 1643 e uma amizade afetuosa havia se desenvolvido entre Descartes e a jovem mulher inteligente. É então o início de seu trabalho no futuro "Tratado das Paixões".

Chegando em Estocolmo em outubro de 1649, Descartes foi recebido com grande cerimônia e ficou impressionado pela determinação e energia da rainha de 23 anos de idade e sua devoção aos estudos clássicos. Dispensado da maior parte do cerimonial da corte, exceto de escrever versos franceses para um ballet, sua obrigação principal era instruir a rainha em matemática e filosofia. O horário da aula era cinco horas da manhã, o que o obrigou a quebrar o hábito de levantar-se diariamente por volta das 11 horas. No clima rigoroso, onde, nas palavras de Descartes, os pensamentos do homem congelam-se durante os meses de inverno, sua saúde deteriorou.

Apesar de viver dias de Glória na companhia da nobre Cristina, seu maior desejo era retornar à Holanda. Porém, em Fevereiro de 1650, ele pegou um resfriado que transformou-se em pneumonia. Dez dias depois de adoecer e reconhecer que este era seu fim, após receber os últimos sacramentos, faleceu. René Descartes morreu aos 54 anos, em 11 de fevereiro de 1650.

buscarem objetivos diferentes, conforme afirma o próprio Descartes na carta a Guez de Balzac, em 05 de maio de 1631:

*(...) Nesta cidade grande não há nenhum homem, exceto eu, que não pratique o comércio; e cada um está de tal modo preocupado com seu lucro que eu poderia permanecer aqui toda minha vida sem que jamais alguém me percebesse (DESCARTES, 1998, p.10).*

Envolvido pelas teorias metafísicas, Descartes sonha em publicar algo que fosse do gosto de todos. O seu entusiasmo foi intimidado quando percebeu a aproximação de seus escritos com as teses de Galileu, o que o impediu de publicá-los: "...decidi queimar todos os meus papéis, ou, pelo menos, não permitir que ninguém os veja" (DESCARTES, 1989, p.11). Beeckmann lhe passara um livro de Galileu, no qual ele reconheceu muitas de suas próprias conclusões, particularmente seu apoio à teoria de Copérnico do movimento da terra ao redor do sol. Apesar de que não arriscava nenhum perigo físico na Holanda, ele foi suficientemente prudente para não publicar seu trabalho.

Mas o sonho de publicar alguns fragmentos de seu *Monde* não deixa Descartes de braços cruzados, sentimento que ele mesmo confessou numa carta a Mersenne:

*E para que possais saber o que tenho desejo de publicar, haverá quatro tratados, todos em francês, e o título em geral será: projeto de uma ciência universal que possa elevar nossa natureza a seu mais alto grau de perfeição. Além disso, haverá a Dioptrique, a Géométrie e os Méteores, em que as matérias mais curiosas que o autor tenha podido escolher, para demonstrar a ciência universal que ele propõe, são explicadas de tal modo que mesmo aquelas que nada estudarem poderão entendê-las. Nesse projeto, eu descobri parte de meu método, acrescentando-lhe várias outras coisas que serão, acredito, agradáveis para o leitor (DESCARTES, 1998, p. 11-12).*

De 1637 a 1644, Descartes se envolve completamente com a redação de seus principais escritos. Embora estas obras tenham sofrido duras críticas, o autor não relutou em retrucar todas elas. Apesar de sua determinação, Descartes teve nos últimos anos de vida muitas decepções com os franceses deixando escrito a esse respeito:

## 1.1. Amizades e influências

Foi nos tempos do exército, mais precisamente a partir de sua amizade com o duque filósofo, doutor e físico Isaac Beeckmann que Descartes recorda sua afinidade com a matemática. O reitor do Colégio Holandês Dort. Beeckmann teria ficado surpreso com a habilidade e pendores matemáticos do jovem oficial francês que era capaz de resolver sozinho, rapidamente, um complicado quebra-cabeça matemático.

Entretanto, “é nesta época que redigiu seu primeiro tratado *O Compendium Musical (O Abrégé de Musique)*” (DESCARTES, 1989, p. 7). No qual indaga as relações matemáticas que determinam a ressonância, o tom e a dissonância musical, um tópico evidentemente de acordo com sua inclinação pitagórica de então. O encontro com Beeckmann renovou o entusiasmo de Descartes de prosseguir no caminho escolhido para seus estudos, e despertou-lhe a ambição de encontrar uma fórmula geral, racional, de conhecimento universal.

Nesta época, Descartes toma uma das mais importantes decisões de sua vida que foi entregar-se às matemáticas e prosseguir no caminho que escolhera, o de suas viagens exploratórias e de pesquisas nas quais certamente conheceu Galileu. Tempo, em que pouco se sabe de sua vida. Porém, foi após seu retorno à Paris em 1622, que Descartes, então, renuncia definitivamente à carreira militar para dedicar-se à investigação científica e filosófica, quando provavelmente redigiu alguns textos dos *Excerpta Mathematica*.

De 1628 a 1649, Descartes encontra na Holanda a Paz e a calma que precisa para continuar seu trabalho como descreve Paul Valéry : “Não há lugar mais favorável nem ambiente mais estimulante para a meditação sobre o grande projeto de nosso Richelieu intelectual do que esse teatro dos negócios, onde reina, como soberana, a *medida*” (DESCARTES, 1989, p. 10).

Esta solidão, porém, não se trata apenas de estar sozinho, mas de se encontrar entre as pessoas e não ser percebido por elas, por exercerem atividades e

## CAPITULO I

### 1. DESCARTES, UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

René Descartes, filósofo e matemático, nasceu em La Haye na Touraine, cerca de 300 quilômetros a sudoeste de Paris, aos 31 dias do mês de maio de 1596. Pertenceu a uma família de posses, dedicada ao comércio, ao direito e à medicina, filho de Joachim Descartes, advogado e juiz, possuía terras e o título de escudeiro, primeiro grau de nobreza, e era Conselheiro no Parlamento de Rennes, na vizinha província da Bretanha, que constitui o extremo noroeste da França.

Em 1606, Descartes começou a freqüentar uma das escolas mais famosas de todo o continente Europeu, o "Colégio de La Fleche" dirigido pelos jesuítas. Foi uma criança e um adolescente frágil, passando a ter boa saúde só depois dos vinte anos. Na escola, um tanto desinteressado dos estudos e muito inclinado a "meditar", tinha por desculpa sua saúde para permanecer na cama até tarde, um hábito que manteve mesmo depois de adulto.

Aos 21 anos, Descartes renuncia à carreira jurídica para aventurar-se pelo mundo em busca de conhecimentos empíricos. Porém, foi no exército sua primeira atividade na espera de realizar as "experiências" que aspira. O serviço militar, porém, era uma escolha convencional da parte de Descartes uma vez que a prática da guerra era uma complementação da educação dos cavalheiros que não seguiam a carreira eclesiástica, além de que era por excelência o campo de aplicação das matemáticas, tanto no aperfeiçoamento das armas como na construção de fortalezas e edifícios em geral. Não requeria, e é mesmo dado como improvável, que Descartes participasse de alguma luta real.

O homem moderno faz da representação pensante a única maneira pela qual se apresentam as coisas. O pensamento é a representação convertida em juízo sobre o ser do ente. O método cartesiano reduzindo as coisas do seu modo mais simples para o seu modo mais complexo e, ajuizadas pelo *cogito*, consiste, para ele, na verdadeira e absoluta certeza do conhecer. Com o advento da metafísica cartesiana rompeu-se a antiga noção de verdade, questão diretriz da metafísica tradicional, deliberava acerca do que era o Ser do ente, representada também como a história do Ser.

O paradigma dominante de nossa cultura, vigente desde os últimos três séculos, é modificado. Formulado nos séculos XVI e XVII estabeleceu, não só, uma nova cosmovisão, mas também influenciou na valoração do homem frente às coisas. A ciência medieval tinha seu arcabouço na fé. O objetivo era a compreensão do mundo e não modificá-lo ou controlá-lo. Deus era a referência para o homem que calcava sua vida terrena à espera da vida eterna. Contudo, devido a questões políticas, sociais e econômicas essa perspectiva toma novo rumo no século XVI. Surge a noção do universo como uma máquina. Propiciada pelos desenvolvimentos revolucionários da física e da astronomia, culmina por influenciar toda a era moderna e proliferar até os dias atuais.

Mas, antes de abordar o conhecimento verdadeiro, Bacon e Descartes (apud JESUS, 1997, p.76) examinaram exaustivamente as causas e as formas do erro, inaugurando um estilo filosófico que permanecerá na Filosofia enquanto existir. Deixando suas contribuições filosóficas e científicas, Descartes criou um procedimento, pelo qual o sujeito do conhecimento, analisa cada um de seus conhecimentos, conhece e avalia as fontes e as causas de cada um.

No segundo capítulo, é demonstrada de forma mais acentuada o problema da dúvida, a diferença mais notável da dúvida metodológica que é levada ainda mais longe para incluir a hipótese de um demônio, maligno e onipotente, que poderia fazer com que todas as coisas que alguém pensasse existir fossem apenas ilusão.

Para Descartes (2000), podemos duvidar, inclusive: da Natureza do Espírito Humano, de Deus, da verdade e do erro, da essência e da existência das coisas materiais, e da verdadeira distinção entre o espírito e o corpo do homem. A primeira idéia que examina é a do próprio Eu. Desta idéia, diz ele, é que não pode duvidar. É a idéia do próprio Eu pensante, enquanto pensante. E então conclui com sua célebre frase: "Penso, logo existo", este dito, talvez o mais famoso na história da filosofia é o qual Descartes pondera da idéia de sua existência "como coisa pensante". Porém, de todo esse raciocínio Descartes chegou a uma verdade, a de que "eu existo".

Uma idéia que Descartes (1978) considera inata, clara e evidente, e que é exigida pelo mundo físico, é a idéia da "extensão". Essa idéia existe no espírito humano como a idéia de algo dotado de grandeza e forma: é fundamental à geometria e torna provável a existência dos corpos, a existência dos objetos e do mundo. Porém, apesar de clara e distinta, a idéia de extensão não é garantia de que os objetos correspondam às idéias que deles fazemos. Portanto, outro grande avanço feito por Descartes foi criar uma fórmula algébrica. A álgebra introduz na geometria os princípios mais naturais da divisão e a mais natural hierarquia do método.

No capítulo três, Descartes (1989), afirma a descoberta da consciência. O espírito (cogito) como consciência de si mesma. Para o filósofo toda a verdade encontra-se na certeza que o sujeito tem de si mesmo. Dá primazia à razão e a subjetividade na questão do conhecimento. Logo, o mundo pode ser pensado e conhecido pela razão. Com o pensamento subjetivista surge a objetivação e, com a mesma, o sujeito também se torna objeto. Todo o ente passa a ser, então, o objetivado e perde sentido do ser em si. Com isso, a metafísica cartesiana vem a ser a metafísica da subjetividade.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico objetiva aprofundar conhecimentos a cerca da dúvida na visão filosófica de Descartes, com o apoio das principais obras do autor como *Meditações Metafísicas* e o *Discurso do Método*, porém conta com alguns subsídios formidáveis como: *A questão de Deus na Filosofia de Descartes* de Luciano Marques de Jesus, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* de Jean Jacques Rousseau, *Convite à Filosofia* de Marilena Chauí e *Metodologia do trabalho Científico* de Antônio Joaquim Severino.

Com base nestas informações, a monografia apresenta, mais precisamente no primeiro capítulo, alguns relevantes aspectos da biografia de Descartes: desde sua infância foi uma pessoa fisicamente frágil, porém de grande sabedoria, seu pai o chamava desde menino de "meu pequeno filósofo", devido à curiosidade demonstrada pela criança. Passou grande parte de sua infância, adolescência e juventude entre os intelectuais, seus melhores amigos eram pessoas muito ligadas à ciência e à filosofia, mas sua maior fascinação sempre foi pelas ciências e matemáticas.

Embora, as aspirações de Descartes eram mais de ordem mística, - buscando uma solução racional -, muito de acordo com seu interesse, naquela época pela filosofia de Pitágoras, com fundamento em números. Disse que teve então uns sonhos que, de acordo com sua interpretação, significavam que ele tinha a missão de reunir todo o conhecimento humano em uma ciência universal única, toda construída de certezas racionais, tema tratado com proeminência em todas as suas obras. Certamente ele se referia à física pois era o sonho comum aos sábios da época, encontrar uma fórmula matemática para o universo, a qual foi uma esperança ainda mais estimulada após a descoberta da equação da atração universal feita mais tarde por Newton, demonstrando na Física a possibilidade de reduzir a fórmulas matematicamente exatas as leis fundamentais da natureza.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
------------------------	-----------

### CAPITULO I

<b>1. DESCARTES, UM POUCO DE SUA HISTÓRIA.....</b>	<b>09</b>
1.1. Amizades e influências.....	10
1.2. Principais obras.....	13
1.3. Divergências e semelhanças das Linhas de pensamento.....	14

### CAPITULO II

<b>2. DÚVIDA METÓDICA E EVIDÊNCIA.....</b>	<b>19</b>
2.1. A idéia da Dúvida.....	24
2.2. Meditações a cerca da dúvida.....	26

### CAPITULO III

<b>3. REFLEXÕES FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS.....</b>	<b>29</b>
3.1. A contribuição da ciência.....	33
3.2. Verdades científicas e metafísicas.....	37

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
-----------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>
--	-----------

“Ao nos voltarmos para Ele, descansaremos; se confiaremos nele, teremos força”.

(Isaias 30:15)

Sou grata ao senhor Jesus pelo descanso, e pela força na realização deste trabalho.

Também, a meu esposo, meus dois filhos, minha mãe e irmãos que estenderam suas mãos e me ampararam nos momentos difíceis da peleja.

A todos os meus professores, pelo convívio durante estes anos.

Ao professor José Geraldo da Trindade, orientador deste trabalho, pelo incentivo e tolerância.

Aos meus colegas acadêmicos que jamais esquecerei, pois enfrentamos tudo como uma família, de mãos dadas. Reconheço que todo esforço, dedicação e esperança de sermos vencedores não foi em vão.

A meu esposo Josué que contribuiu e muito nesta conquista.

Aos meus dois filhos Jonas e Heber, pessoas muito importante na minha vida, as quais me motivou e me entusiasmou na busca do conhecimento.

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Data: 15 de junho de 2005

Hora: 21:15h

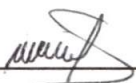
Local: Sala do 7º Período de Filosofia

Acadêmico(a): *Geny das Graças do Nascimento Queiroz*

Título: *A questão da dúvida em Descartes*

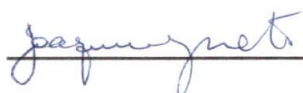
Componentes da Banca:

Orientador(a): José Geraldo Trindade



---

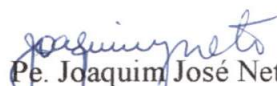
Joaquim José Neto



---

Nota: 9,5

Rubiataba, 15 de junho de 2005



Pê. Joaquim José Neto  
Coordenador do Curso

**CESUR – CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE RUBIATABA  
FACER – FACULDADE DE CIENCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**A DÚVIDA NA VISÃO FILOSÓFICA DE DESCARTES**

**Geny das Graças do Nascimento Queiroz**

**Rubiatoba – Goiás/2005**